

GÊNEROS E SEXUALIDADES NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS: EM FOCO ENUNCIÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

GENDERS AND SEXUALITIES IN EDUCATIONAL SPACES: FOCUS ON ENUNCIATIONS OF UNDERGRADUATE EDUCATION STUDENTS

Évelin Pellegrinotti Rodriguês 1
Paula Regina Costa Ribeiro 2
Juliana Lapa Rizza 3

Resumo: Este artigo tem, como objetivo, analisar as enunciações dos/as estudantes de uma universidade pública federal, que cursaram a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, sobre a importância ou não de se instituir, nos cursos de graduação, disciplinas para discutir as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades. Para tanto, aplicamos um questionário on-line, composto de perguntas abertas e fechadas, aos/às estudantes que cursaram a referida disciplina. Nas análises, foi possível perceber que os/as estudantes consideram a disciplina um importante espaço, na universidade, para o combate aos preconceitos e às violências, tanto que reivindicam a oferta dessa disciplina de forma obrigatória, tensionando assim o currículo do Ensino Superior, em que as pautas de gêneros, sexualidades e corpos, muitas vezes, estão às margens do currículo. Destacaram também que as discussões são relevantes para suas formações profissionais, fazendo com que repensem seus entendimentos e desestabilizem alguns discursos naturalizados em nossa sociedade.

Palavras-chave: Corpos. Gêneros. Sexualidades. Disciplina. Ensino Superior.

Abstract: This article aims to analyze the enunciations of students from a federal public university, who studied the subject of Gender and Sexualities in Educational Spaces, about the importance or not of instituting, in undergraduate courses, subjects to discuss the themes of bodies, genders and sexualities. For that, we applied an online questionnaire, consisting of open and closed questions, to students who took that subject. In the analyzes, it was possible to notice that the students consider the subject an important space, in the university, to combat prejudice and violence, so much that they claim its offer in a mandatory way, thus straining the Undergraduate Education curriculum, in which the agendas of genders, sexualities and bodies are often marginalized. They also emphasized that the discussions are relevant to their professional qualification, doing them rethink their understandings and destabilize some naturalized discourses in our society.

Keywords: Bodies. Genders. Sexualities. Subject;. Undergraduate Education.

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9860657155583765> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2391-3342> E-mail: evelin.vivo@gmail.com 1

Doutora em Ciências Biológicas. Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0516745823012125> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7798-996X> E-mail: pribeiro.furg@gmail.com 2

Doutora em Educação Ambiental. Professora Adjunta no Instituto Federal da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9860657155583765> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0985-0282> E-mail: ju_rizza@yahoo.com.br 3

Introdução

O perigo, em suma, é que em lugar de dar fundamento ao que já existe, em lugar de reforçar com traços cheios linhas esboçadas, em lugar de nos tranquilizarmos com esse retorno e essa confirmação final, em lugar de completar esse círculo feliz que anuncia, finalmente, após mil ardis e igual número de incertezas, que tudo se salvou, sejamos obrigados a continuar fora das paisagens familiares, longe das garantias a que estamos habitados, em um terreno ainda não esquadrinhado e na direção de um final que não é fácil prever (FOUCAULT, 2005, p. 44).

Começamos esta escrita interpeladas pelas palavras de Michel Foucault, que nos desacomodam, fazem-nos pensar que nada é tão certo e previsível, indicam-nos que sempre podemos ser surpreendidos/as com novas possibilidades. Esses entendimentos atravessam os caminhos percorridos, os quais foram se desenhando ao longo do processo de pesquisar e também com as abordagens das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades¹ em interface com o Ensino Superior.

Dentre os caminhos possíveis, para problematizar as questões de corpos, gêneros e sexualidades, aproximamo-nos do campo dos Estudos Culturais na sua vertente pós-estruturalista. Por meio dessa interlocução, compreendemos os corpos, os gêneros e as sexualidades como construções históricas, sociais e culturalmente construídas.

Ao pensar essas temáticas em articulação com a educação, é importante salientar que as discussões aumentaram significativamente, principalmente devido aos investimentos no âmbito da formação continuada de professores/as da rede pública, entre outros profissionais da educação. Esses movimentos proporcionaram um compartilhar de “[...] conhecimentos acerca da promoção, respeito e valorização da diversidade étnico-racial, da orientação sexual e das identidades de gênero, colaborando para o enfrentamento da violência sexista, étnico-racial e homofóbica [...]” (RIZZA, 2015, p. 87).

Tal avanço se deu em diferentes modalidades da educação², chegando ao Ensino Superior, foco desse estudo. É perceptível, do mesmo modo, no âmbito de universidades públicas federais, um aumento na criação de disciplinas (RIZZA; RIBEIRO; MOTA, 2016) que têm, como foco, debater a questão das diferenças, sejam elas de gêneros, de sexualidades, de corpos, de raça ou etnia, entre outras, com o objetivo de possibilitar que os/as estudantes possam pensar acerca da heteronormatividade, da construção binária dos gêneros, dos comportamentos preconceituosos e, quem sabe, desnaturalizar discursos, sentidos e significados acerca da forma como os sujeitos vêm produzindo e vivenciando os gêneros e as sexualidades.

Essa proposição das temáticas citadas, no Ensino Superior, vem sendo debatida por alguns/algumas estudiosos/as (SOUZA; FERRARI, 2019; JUNQUEIRA, 2018; PARAÍSO, 2018; RIBEIRO; RIZZA; ÁVILA, 2014), os quais, imersos em estudos e pesquisas acerca dessas temáticas, contribuem para esse campo de estudos de gênero e de sexualidade.

Nesse sentido, propomo-nos a “vestir nossos óculos teórico e aguçar nossas lentes, ou seja, a partir dos nossos entendimentos e leituras, buscamos lançar nosso olhar” (RIZZA, 2015, p. 66) para analisar as enunciações dos/as estudantes da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que cursaram a disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, buscando

1 Gostaríamos de ressaltar que utilizaremos a palavra gênero no plural, gêneros, pois entendemos que, na perspectiva teórica a que nos filiamos, romper com o binarismo de gênero - homem e mulher - é uma potente estratégia para findar com essa lógica e uma possibilidade para desconstruirmos a linearidade sexo-gênero-sexualidade, bem como uma maneira de possibilitarmos discussões e problematizações sobre a multiplicidade de sujeitos que existem na sociedade, como, por exemplo, homem cis, mulher cis, homem trans, mulher trans, travesti, trans não binário, entre outras posições de sujeito.

2 Ao olharmos para algumas políticas educacionais – PCN; Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos; Plano Nacional de Educação, entre outros –, observamos que o debate acerca das questões de gênero e sexualidade vem sendo impulsionado e tem produzido efeitos no Ensino Superior (RIZZA, 2015; 2016).

problematizar a importância ou não de se instituir, nos cursos de graduação, disciplinas que promovam discussões a respeito das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades.

Para tanto, buscamos tecer algumas problematizações, a fim de colocar em suspensão a disciplina e, assim, “transformar em problema de investigação o que comumente não nos incomodava para colocar sob suspeita nossas formas de pensar e agir, questionar o que somos e pensamos” (SOUZA; FERRARI, 2019, p. 42).

Entendemos que a proposição das discussões sobre as questões de gêneros, sexualidades e corpos, no Ensino Superior, faz-se necessária para a formação de profissionais que tenham olhares sensíveis às novas demandas sociais. Logo, os tensionamentos e as problematizações, realizados durante os oito anos da existência da disciplina de *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, incitam-nos a pensar sobre a importância da oferta de disciplinas com essas pautas de discussão nos currículos dos cursos de graduação das universidades.

Contextualizando a disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*

José D’Assunção Barros (2011) salienta que todo campo disciplinar é histórico, uma vez que, em um dado momento, ele começou a ser percebido assim e, no decorrer do tempo, vai se transformando, atualizando-se e se inserindo nos campos de produção de conhecimento a respeito de determinado assunto, sendo redefinido constantemente, a partir de regras e de embates.

Então, “qualquer ‘campo disciplinar’ é histórico, no sentido de que possui uma história” (BARROS, 2011, p. 254). Desse modo, a trajetória de cada disciplina, suas mudanças e suas transformações estão relacionadas aos tensionamentos e às problematizações que ocorrem em diferentes períodos da sua história.

Entendemos que as disciplinas são construídas e reconstruídas por redes discursivas, ou seja, a partir de interlocuções entre distintos campos de conhecimento. Para que se tenha uma disciplina, segundo Foucault (2001), é necessário existir a possibilidade de novas formulações, indefinidas possibilidades de formulações, uma vez que, assim, vão sendo construídas proposições novas, e o conhecimento se atualiza, bem como acompanha as demandas que emergem na sociedade.

A disciplina de *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, de alguma forma, articula-se a essa ideia de buscar inserir, como pauta, no Ensino Superior, as novas demandas sociais: as diferentes formas dos sujeitos viverem e produzirem seus gêneros e suas sexualidades; as diversas configurações familiares; as produções dos corpos constituídos e a partir de inúmeras marcas e inscrições; a desnaturalização de discursos, sentidos e significados, presentes na sociedade, acerca das questões de gêneros e sexualidades; a interseccionalidade entre gênero, raça/etnia, sexualidade, geração, religião, entre outros aspectos que têm atravessado o debate das questões de gêneros e de sexualidades.

A proposta, dessa forma, foi “suscitar novos acontecimentos”, (RIBEIRO; RIZZA; ÁVILA, 2014, p. 117), propor um outro espaço a partir do que já estava instituído, ou seja, ofertar uma disciplina, algo recorrente nos cursos de graduação, mas incluir, como foco de discussões, temáticas que estão presentes no Ensino Superior, visto que a universidade, assim como a escola, é um espaço sexualizado e generificado, porém que ainda tem estado às margens dos currículos. Assim, essa disciplina, mesmo que criada em um espaço de modelo instituído, possibilita pensar em outras experiências.

Paula Ribeiro, Juliana Rizza e Dárcia Ávila (2014) observam a importância de se propor uma disciplina com essas características, pois consideram:

a universidade como um espaço privilegiado para discutir essas temáticas; ações do Ministério da Educação para a inclusão dessas questões nos currículos escolares e universitários; as discussões propostas pelo eixo Orientação Sexual presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais que emergem na

década de 1990; os projetos de lei que tem emergido na contemporaneidade e que passaram a focar tais temas; o aumento da violência sexista, racial e homofóbica; as novas identidades que tem se apresentado nas escolas e universidades, como os/as travestis e os/as transexuais; a utilização do nome social (2014, p. 117).

Então, em meio a lutas e a embates, no que se refere às questões de poder/saber presentes no currículo, é que a disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos* é ofertada, já há oito anos, para todos os cursos³ de graduação da universidade. É importante destacar que os movimentos de luta empreendidos para garantir a presença da disciplina na universidade se deram, principalmente, pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - Gese.

Sobre os aspectos relacionados à oferta da disciplina, ela possui carga horária de três horas/aula, totalizando 45 créditos. Para os cursos de graduação que entenderam que as discussões propostas nela são importantes para a formação profissional dos sujeitos, é oferta de forma optativa, visto que esses cursos de graduação já fizeram as reformas em seus currículos e projetos políticos pedagógicos do curso, inserindo a disciplina junto às demais disciplinas ofertadas. No caso dos cursos que ainda não fizeram ou que não apresentaram interesse em inserir essas discussões em seus currículos, os/as estudantes podem cursar a disciplina por meio da solicitação de matrícula complementar, a qual será computada, no histórico deles, como horas complementares, exigência dos cursos de graduação (RIBEIRO; RIZZA; ÁVILA, 2014).

A partir dessas questões, da oferta de forma optativa ou como atividade complementar, em 11 cursos, ela é oferecida como optativa, a saber: Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Direito, Educação Física, Letras Português, Letras Português e Francês, Letras Português-Inglês, Medicina, Pedagogia, Psicologia. Todavia, para os outros 52 cursos da universidade, é ofertada como uma atividade complementar⁴, o que faz com que os/as estudantes tenham acesso à sua oferta por meio da divulgação de notícias na página da universidade, quando acessam o sistema da universidade, no período de matrículas, ou por parte do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - Gese, nas diferentes mídias sociais. Muitos/as estudantes não encontram o registro da disciplina no quadro de sequência lógica dos seus cursos de graduação, ao contrário dos cursos com oferta da disciplina de forma optativa, em que há um registro, com o nome e indicação da disciplina no quadro que apresenta o currículo do curso de graduação.

A disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos* apresenta a seguinte ementa: discussão e análise temática a respeito das questões dos corpos, gêneros e sexualidades na contemporaneidade, enfocando o ensino e aprendizagem dessas questões nos diversos espaços educativos. Ainda, contempla a análise do processo de produção dessas temáticas nas distintas instâncias sociais e pedagogias culturais.

É importante destacar que a disciplina está organizada em quatro módulos, os quais são: diversidades, gêneros, corpos e sexualidades. Em cada um deles, são apresentados os conceitos referentes aos temas centrais da disciplina e, ao longo dos módulos, são problematizadas as questões que estão inter-relacionadas a eles, possibilitando que os/as estudantes possam questionar, compartilhar suas vivências e construir conhecimentos a partir das discussões realizadas.

Os debates realizados, durante a disciplina, estão fundamentados em posicionamentos que compreendem os corpos, os gêneros e as sexualidades como construções sócio-históricas que se constituem na correlação de múltiplos elementos sociais presentes na família, na medicina, na educação escolarizada, na psicologia, entre outras instituições e campos de saber.

3 A Universidade Federal do Rio Grande - FURG possui um total 62 cursos de graduação ofertados em 5 campus, e, desse total, 48 cursos na cidade de Rio Grande.

4 As atividades complementares são obrigatórias em termos de horas, mas os/as estudantes podem suprir essas horas participando de palestras, de minicursos, de oficinas e cursando disciplinas que não estejam previstas no QSL do seu curso. A disciplina de *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos* também conta como horas para os cursos que não têm a oferta como optativa.

Durante o desenvolvimento da disciplina, é possível notar que a proposta é que as/os professores/as possam se deixar “levar pelas vivências, anseios e desejos dos/as alunos/as que participam da disciplina, construindo, assim, uma experiência pedagógica.” (RIBEIRO; RIZZA; ÁVILA, 2014, p. 123). Dessa forma, assuntos que estão na ordem do discurso, como, por exemplo, a Lei Maria da Penha, as normativas para a utilização do nome social, as mudanças e as intervenções corporais, como tatuagens, piercings, brandings; o abuso e a violência sexual, a homofobia, o *sexting*, entre outros aspectos, podem emergir nas discussões propostas. Assim, a cada semestre, mudanças vão sendo pensadas e adaptações sendo feitas para atender às novas demandas de discussões que os/as estudantes apresentam durante as aulas, buscando qualificar as problematizações da disciplina, ampliar e complexificar o debate dos temas trabalhados.

Caminhos percorridos, nossa estratégia metodológica

Para a produção dos dados da pesquisa e a fim de investigarmos a importância ou não de se instituir, nos cursos de graduação da universidade, disciplinas para discutir as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades, foi elaborado um questionário *on-line*, disponibilizado na plataforma *Google Forms* e enviado aos/as estudantes que cursaram a disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos* entre os anos de 2012, quando a disciplina foi ofertada pela primeira vez, até o ano de 2018, quando demos início à pesquisa, totalizando, desse modo, um recorte temporal de 6 anos.

Durante esse caminho metodológico, é importante destacar que o questionário foi validado no primeiro semestre de 2018, por meio da aplicação dele, em uma turma da disciplina, de forma presencial. Após as modificações sugeridas nessa validação, o questionário foi enviado para um total de 537 estudantes e obtivemos um retorno de 110 questionários respondidos⁵.

O envio do questionário foi realizado por meio de e-mail, para os/as estudantes que cursaram a disciplina quando as interações ainda não se davam por meio de um ambiente virtual de aprendizagem ou pela plataforma *Moodle*⁶ quando já tínhamos acesso ao referido ambiente virtual.

O questionário foi organizado com algumas perguntas fechadas e outras abertas. As primeiras diziam respeito às questões pessoais dos/as participantes da pesquisa, tais como: raça; gênero; sexualidade; religião; curso de graduação e atividade atual, informações apresentadas na sequência.

O grupo de estudantes participantes da pesquisa, em sua maioria, era composto de mulheres cisgêneras, um total de 61%; a identidade sexual da maioria era heterossexual, um total de 66%; tinham idades que variavam entre 20 e 61 anos e, em sua grande maioria, consideravam-se brancos/as, um total de 71% dos/as respondentes. Sobre a religião, 36% apontaram não ter nenhuma, já o restante dos/as estudantes mencionou o seguinte: católica, 21%; espírita, 13%; afro brasileira, umbanda ou candomblé, 12%; prefiro não declarar, 7%; com fé, sem religião, 4%; budista, 2%; espiritualista, 1%; evangélica, 1%; agnóstica, 1%; mórmon, 1%; amor a mim e ao universo, 1%; luterana, 1%.

Quanto aos cursos de graduação, tivemos a participação dos seguintes cursos: Pedagogia, 40%; Direito, 9%; Educação Física, 4%; Arquivologia, 8%; Psicologia, 4%; Medicina, 5%; Arqueologia, 3%; História Bacharelado, 3%; Administração, 3%; Letras Português, 3%; Geografia Licenciatura, 3%; Artes Visuais Bacharelado, 1%; Letras Português Espanhol, 1%; Química Licenciatura, 1%; Ciências Biológicas Licenciatura, 1%; Biblioteconomia, 2%; Letras Português-Ínglês, 1%; Sistemas de Informação, 1%; Oceanologia, 2%; Artes Licenciatura, 2%; Matemática Licenciatura, 1% e Física Licenciatura, 1%.

5 A partir do total de questionários enviados, o número de retornos pode parecer não tão expressivo, visto que não alcançamos nem mesmo a metade dos/as estudantes que já cursaram a disciplina. Logo, cabe ressaltar que muitos/as desses/as estudantes já concluíram o curso de graduação e estão atuando no mercado de trabalho, fazendo, assim, que não tenham mais vínculo com a instituição. Em função disso, podem não ter aceitado o convite para participar da pesquisa ou, ainda, podem não acessar mais os endereços de e-mail que utilizavam quando cursavam a graduação.

6 A plataforma Moodle é um ambiente virtual que funciona como sala de aula e repositório de materiais, sistema que vem sendo muito utilizado para criação de cursos on-line.

Já com relação a atividade atual: 73% dos/as estudantes ainda estão cursando um curso de graduação; 10% estão cursando mestrado; 6% responderam que não estavam estudando no momento; 6% estava apenas trabalhando; 3% estava cursando doutorado, e 2%, cursando especialização.

E, por fim, sobre as questões fechadas, as quais nos possibilitaram conhecer os/as estudantes que participaram da pesquisa com relação ao gênero e destacaram outras possibilidades de expressões de gênero: 3% se declararam homens trans; 3% afirmaram ser não binário; 3% indicaram possuir gênero fluído; 2% de mulheres se intitularam trans; 1% afirmou ser travesti, e 1% se declarou bicha preta travesti não binária. Assim também aconteceu com relação à sexualidade, em que também observamos uma multiplicidade de vivências: 14% indicaram ser bissexuais; 11% afirmaram ser gays; 3% se intitularam lésbicas; 2% se nomearam como assexuais, e 2% afirmaram ser pansexuais.

Além dessas questões fechadas, como já mencionado, foram elaboradas também questões abertas. Essas últimas foram pensadas com o propósito que os/as estudantes pudessem pensar e expressar suas vivências, bem como os entendimentos e significados construídos ao cursarem a disciplina. O questionário, então, possui um total de 10 perguntas abertas, as quais suscitam diferentes aspectos, tais como: quais discussões foram mais interessantes e por quê; qual módulo foi mais significativo e por quê; qual disciplina possibilitou mudanças nos entendimentos; entre outras.

Dentre essas questões abertas, para análise nesse artigo, elegemos a seguinte pergunta, constituída de duas partes: “Você considera importante que se instituam, nos cursos de graduação, disciplinas para discutir as temáticas de gêneros e de sexualidades? Você gostaria de escrever algo sobre isso?”. A partir dessa questão, os/as estudantes expressaram a importância ou não de serem instituídas, nos cursos de graduação, disciplinas para discutir as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades.

Com esse movimento de análise, não pretendemos, nesse estudo, desvendar e/ou desvelar o que está nas entrelinhas a partir das enunciações produzidas pelos/as estudantes participantes da pesquisa, nem tampouco julgar o sentido de verdade. Objetivamos problematizar e analisar, nas respostas à pergunta já mencionada, foco dessa escrita, a importância ou não de inserir, nos cursos de graduação, disciplinas que discutam os temas corpos, gêneros e sexualidades.

Em nossa análise, observaremos as enunciações a partir de Foucault (2005), ou seja, como um conjunto de regras que suportam, tornam possível e definem o enunciado: a potência da oferta de uma disciplina que discute as questões de corpos, gêneros e sexualidades, no âmbito do Ensino Superior, no que tange à formação profissional.

Dessa forma, ao responderem ao questionário, consideramos que os/as estudantes suscitam sentidos e significados produzidos a partir de suas vivências. Já nas análises, a proposta é olhar tais enunciações, reconhecê-las e entender as conexões estabelecidas entre elas, buscando compreendê-las em sua relação com o debate acerca das temáticas já mencionadas por meio da oferta de uma disciplina para todos os cursos de graduação de uma universidade pública federal.

Discutindo as enunciações dos/as estudantes sobre a disciplina

Atentas às enunciações que os/as estudantes foram produzindo, a respeito da disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, voltamos nosso olhar para uma das perguntas abertas do questionário: “Você considera importante que se instituam, nos cursos de graduação, disciplinas para discutir as temáticas de gêneros e de sexualidades? Você gostaria de escrever algo sobre isso?”

Cabe destacar que 92% dos/as estudantes que participaram da pesquisa pontuaram a importância de serem instituídos espaços como os da disciplina para a promoção de discussões acerca das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades; 5% consideraram que o oferta da disciplina deveria se dar de forma obrigatória; 2% apontaram que ela deveria ser optativa para todos os cursos de graduação da universidade, e 1% manifestou não considerar a disciplina importante.

A partir desse panorama inicial das repostas dos/as estudantes, destacamos algumas respostas a fim de problematizar, além do dado estatístico, as enunciações produzidas. Nas respostas apresentadas na sequência, são percebidos dois focos de discussão expressos nas enunciações, quer sejam: a importância das temáticas debatidas, a partir da oferta da disciplina, como possibilidade de olhar/reconhecer as diferenças, e a oferta da disciplina de forma obrigatória.

Estudante 6⁷: *Deveria ser disciplina obrigatória em todos os cursos, acredito e afirmo que a universidade tem um papel importante na construção dos sujeitos e essa temática vem a equiparar, colaborar para a formação de profissionais com conhecimento na área.*

Estudante 16: *Deveria ser incluída em todos quadro sequência lógica. Na Universidade não basta ter conhecimento específico de uma determinada área, o conhecimento do outro é importante. Entender o outro é respeitar, é saber que existe pluralidade na vida.*

Estudante 19: *Sim, pois tal temática deveria ser obrigatória em todos os cursos, para que todos tenham conhecimento e saibam lidar com as diferenças.*

Estudante 22: *Por ser uma temática que permeia todas as áreas do conhecimento. Ter uma formação humana e voltada ao respeito as particularidades e individualidades é algo imprescindível para qualquer profissão.*

Estudante 25: *Estas discussões se tornam pouco acessíveis por outras disciplinas e, tendo como disciplina obrigatória para todos os cursos da Universidade, talvez assim possamos construir conhecimentos com diversas áreas e promover uma sociedade mais diversa e igualitária.*

Estudante 46: *Obviamente que sim, acredito que a disciplina deveria ser obrigatória e não optativa. Todxs lidamos com pessoas diferentes, com a disciplina, aprendi muitos conceitos que nem tinha ideia que existiam. Hoje, posso dizer que me reconheço como uma mulher cis hetero, graças à disciplina que me ajudou em diversos fatores ao qual desconhecia.*

A partir das enunciações anteriores, é possível constatar que os/as estudantes apontam que os debates promovidos, ao longo da disciplina, possibilitam reconhecer o outro em sua diferença. No que se refere à formação profissional, os sujeitos que fizeram parte da pesquisa entendem os assuntos abordados na disciplina como temas importantes para promoção do respeito às individualidades e particularidades dos sujeitos, para a construção de uma sociedade mais diversa e igualitária.

Pensar em uma educação da/para diversidade tem adentrado a arena política e, consequentemente, também atravessa as discussões tecidas no âmbito da disciplina. Reconhecer a diferença e promover uma educação para a diversidade, ou seja, a construção de uma sociedade mais plural, são elementos que têm ingressado na ordem do discurso, e os/as estudantes destacam esse como sendo um aspecto importante de ser discutido no âmbito do Ensino Superior.

A universidade é responsável pelo processo de formação profissional inicial, e muitos universitários/as logo estarão atuando no mercado de trabalho, podendo, então, promover algumas rupturas, de modo a “garantir” a existência de diferentes formas de os sujeitos produzirem seus gêneros e viverem suas sexualidades. Logo, de alguma forma, a disciplina possibilita que os/as estudantes possam vestir o que chamamos de óculos teórico⁸ de gêneros e sexualidades, o qual possibilita desconstruir discursos que se encontram naturalizados em nossa sociedade, como, por exemplo, o fato de mulheres serem delicadas, e os homens, agressivos, sujeitos que não controlam seus desejos sexuais. Outros discursos que podem ser desconstruídos são os que pregam que família é constituída apenas de um homem e uma mulher; que o que define o gênero é a genitália do sujeito, ou seja, a materialidade biológica, entre outros.

7 As enunciações estão identificadas com uma numeração que corresponde à sequência dos questionários respondidos pela plataforma do Google Forms.

8 A metáfora dos óculos teóricos busca discutir a noção de que é por meio desses óculos, constituído por leituras e discussões, que os/as estudantes vão construindo outros sentidos e significados acerca das questões de gêneros e de sexualidades. Esses novos olhares não seriam melhores nem piores, apenas diferentes, ampliando, assim, a percepção sobre esses assuntos e abrindo brechas para as multiplicidades.

Nesse sentido, as enunciações dos/as estudantes apontam que a disciplina, de alguma forma, possibilita mais do que reconhecer a diferença, permite problematizá-la, colocar sobre suspeita os processos sociais que vêm produzindo essas diferenças, as quais estão imersas em relações de poder, “colocar no seu centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-las” (SILVA, 2014, p. 100).

Ainda sobre esse conjunto de enunciações, na concepção de alguns/algumas estudantes, as discussões de gêneros, corpos e sexualidades deveriam ser propostas de forma obrigatória no Ensino Superior, por meio da oferta de uma disciplina. No entanto, não queremos promover um debate que vá ao encontro da obrigatoriedade em problematizar as questões de gêneros e sexualidades nas universidades, ao contrário, nossa proposta não é defender essa posição, mas refletir acerca das relações de poder/saber presentes nesses currículos. Assim, temos o intuito de pensar o quanto é por meio de um “processo de intervenção social que certos conhecimentos acabam fazendo parte do currículo e outros não” (SILVA, 2007, p. 148), produzido, desse modo, algumas desigualdades sociais.

Ao instituir espaços de discussão como disciplinas optativas, por exemplo, estariam os gêneros e as sexualidades sendo temáticas problematizadas com os/as estudantes no Ensino Superior? Embora entendamos que essas temáticas componham os currículos do Ensino superior, muitas vezes, estão às margens desse mesmo currículo, pois os conhecimentos legítimos, os considerados válidos de serem debatidos, estão nos cursos de graduação como componentes curriculares obrigatórios, isto é, há “aquilo que divide o currículo – que diz o que é conhecimento e o que não é” (SILVA, 2008, p. 197). Além disso, ainda segundo o autor, seria possível problematizar:

Quais conhecimentos estão incluídos e quais conhecimentos estão excluídos do currículo? Quais grupos sociais estão incluídos – e de que forma estão incluídos – e quais grupos sociais estão excluídos? Como resultado dessas divisões, dessas inclusões e exclusões, que divisões sociais – de gênero, raça, classe – são produzidas ou reforçadas? (2008, p. 197).

O currículo é um lugar em que as relações de poder se estabelecem. Tais relações, entendidas a partir de Foucault (2007), são aquelas em que o poder é visto como relacional, disseminado, capilar e produtivo. A seleção do que é conhecimento e do que não é conhecimento é um exemplo dessa relação de poder que se estabelece, a qual gera uma divisão entre os indivíduos, excluindo os saberes dos sujeitos que vivem em outros contextos sociais, os quais não são contemplados pelo currículo escolar.

Em outro foco de discussão, as enunciações dos sujeitos participantes do estudo apontam para outra questão: as disputas curriculares. Os/As estudantes tensionam o currículo instituído ao discutirem acerca da oferta da disciplina ser obrigatória ou optativa, fazendo-nos pensar de que maneira o conhecimento vem sendo construído nos currículos da universidade, quais conhecimentos “são mais ou menos importantes” à formação dos indivíduos.

Estudante 17: *Sim, pois foi através dessa disciplina que percebi que estava ganhando muito mais que apenas horas para uma cadeira optativa, estava adquirindo conhecimento dos mais variados temas os quais com 29 anos de idade nunca sequer ouvi falar no meio educacional tanto escolar quanto em casa.*

Estudante 46: *Obviamente que sim, acredito que a disciplina deveria ser obrigatória e não optativa. Todxs lidamos com pessoas diferentes, com a disciplina, aprendi muitos conceitos que nem tinha ideia que existiam. Hoje, posso dizer que me reconheço como uma mulher cis hetero, graças à disciplina que me ajudou em diversos fatores ao qual desconhecia.*

Os excertos anteriores explicitam como os/as estudantes estão compreendendo as discussões que a disciplina proporciona na universidade. As temáticas de corpos, gêneros e sexualidades não dizem respeito apenas à educação, mas a todas as áreas do conhecimento, e essas questões permeiam nossa vida, sendo construídas, diariamente, em nossas vivências. Os/As estudantes que participaram da pesquisa são de diferentes cursos da universidade, das mais

variadas áreas de formação, e reconheceram a importância de espaços de discussão como os que a disciplina possibilita para os seus respectivos cursos, bem como para todos os outros cursos da instituição de ensino em questão.

É importante destacar que a disciplina é optativa para 11 cursos e, para os outros 51 cursos de graduação da universidade em estudo, ela é complementar, o que nos dá pistas do que foi sendo construído, ao longo do tempo, como conhecimento legítimo/ilegítimo. Desse modo, as enunciações nos possibilitam pensar que, apesar da luta para a implementação de uma disciplina na universidade, sobre os corpos, gêneros e sexualidades, essas questões ainda estão às margens do currículo dos cursos de graduação, uma vez que ainda não são entendidas como temáticas necessárias à formação dos/as estudantes, o que a faz não ser obrigatória.

Ao apontarem, em suas enunciações, a importância da oferta da disciplina, de forma obrigatória, no currículo dos cursos da universidade, os/as estudantes nos fazem refletir acerca das relações de poder-saber⁹, ou seja, as lutas e os embates em torno dos saberes e tensionamentos presentes no currículo.

Quando instituído um espaço, na universidade, como a disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, com temáticas construídas como conhecimentos “sociais” nos currículos dos cursos de graduação, são tensionadas as relações de poder-saber. Com isso, haverá embates e questionamentos constantes sobre a importância ou não da existência desses temas nos currículos dos cursos. Conforme Juliana Rizza, ao incluirmos, por exemplo, as questões ligadas às diversidades em uma disciplina:

[...] - sejam estas de gênero, sexuais, de raça, classe, etnia, credo, geração, entre outras -, estarão sendo problematizadas e desestabilizadas concepções curriculares hegemônicas que produzem e reproduzem desigualdades e hierarquias entre os grupos sociais (RIZZA, 2015, p. 76).

A oferta dessa disciplina, no âmbito do Ensino Superior, permite-nos compreender que, em “um currículo sempre há espaço para encontros que escapam à regulação. [...], há sempre possibilidade de que um currículo se abra para a novidade e que é a abertura de corpos e pensamentos” (PARAÍSO, 2018, p. 8). Esses movimentos podem ser percebidos nas respostas dos/as estudantes em mais de um foco de análise das enunciações, a partir de uma das perguntas do questionário, em que apontam, em suas respostas, para as possibilidades de reflexão e destacam o alcance e os desdobramentos que a disciplina permite.

Estudante 8: [...] *por conta do alto índice de desconhecimento da população as novas e diversas orientações sexuais e gêneros, seria interessante repassar estes conhecimentos aos demais, pois muitos julgam sem nem saber do que se trata, achando que é apenas “moda”, ou estão apenas querendo chamar atenção!*

Estudante 10: [...] *vivemos rodeados de diferenças e muitas pessoas ainda classificam o ser humano em caixinhas. É preciso discutir e entender além.*

Estudante 12: *Para desconstruir preconceitos e conceitos que foram institucionalizados ao longo dos tempos, para que os acadêmicos possam expandir seus conceitos a respeito do tema e principalmente nos cursos de graduação, para que os profissionais saibam abordar essa temática em sala de aula.*

Estudante 26: [...] *acho importante a informação e a conscientização acerca do assunto, a fim de garantir competências tanto a classe acadêmica quanto aos futur@s profissionais da educação, saúde e afins, dando assim um aporte teórico/metodológico capaz e eficaz ao debate de ideias em questões que envolvam a discussão e/ou diálogos dados em nosso cotidiano social.*

Estudante 33: [...] *acredito que seja fundamental ter um espaço de aprendizagem e debate sobre sexualidade e gênero, uma vez que: 1) vivemos em um país extremamente into-*

⁹ Poder-saber é uma expressão utilizada por Foucault, que destaca que poder e saber estão diretamente implicados, ou seja, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 27).

lerante e violento com as ditas “minorias” e 2) mesmo em cursos da área de Humanas, que é o meu caso, tais temas não são debatidos em nenhuma outra disciplina.

Estudante 67: *De suma importância. A área da saúde, a qual faço parte, está em contato direto com a população, e sempre que não conhecemos um perfil populacional, ele deixa de ser amparado e bem atendido pelo sistema de saúde. Como garantir um sistema universal se não se ensina um cuidado universal?*

Estudante 69: *[...] é um tema que perpassa a construção da cidadania, e a universidade deveria contribuir com esse tipo de formação, mesmo que seja de forma acadêmica. Contar apenas com o interesse pessoal de cada estudante não é suficiente, pois para muita gente esses temas não são de importância direta, porém, se fazem externamente importante para a sua formação social.*

Estudante 107: *De extrema importância. Porque precisamos de mais disciplinas como esta, esclarecedoras de conhecimentos; para que possamos nos desvencilhar das amarras e tirarmos a venda dos olhos e parar de achismo, porque está bem claro que o mundo não é somente rosa e azul, [...] os seres não estão constituídos só no masculino e no feminino, [...] Precisamos amadurecer conhecimentos, e compreender, e assim sentirmos, o quanto é carente e precária nossa visão, desprovida do respeito.*

A educação, por sua vez, tem uma contribuição importante na circulação dos conhecimentos acerca das temáticas de corpos, gêneros, sexualidades e diversidades na sociedade, por ser uma maquinaria social permeada de pedagogias de gêneros e de sexualidades, a qual, de alguma maneira, promove um controle dos corpos por meio da disseminação de saberes, da regulação e da normalização desses.

De acordo com Foucault, “para compreender o que são essas relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar essas relações” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 234). Ao refletirmos sobre essas resistências, que emergem a partir de relações de poder-saber, fazemos o exercício de nos questionarmos a respeito da reivindicação dos/das estudantes para a importância das discussões promovidas pela disciplina. Nesse processo, os/as estudantes são um ponto de resistência. Ademais, o que corrobora, para que as relações de poder, em torno da oferta ou não da disciplina, seja constante, é a participação e o reconhecimento que eles/as conferem à disciplina.

Embora, na pesquisa, a maioria dos/as alunos/as apontem para a importância da disciplina e das discussões que atravessam esse espaço instituído no âmbito do Ensino Superior, – seja de forma obrigatória, seja de maneira optativa ou ainda como atividade complementar – a resposta de dois estudantes expressa uma contrariedade a essa questão, evidenciando-se como outro foco de análise. Em um desses questionários, estava expresso apenas a palavra “não” (Estudante 48) como resposta; já no outro questionário, conforme expresso nas enunciações a seguir, são apresentados argumentos que explicitam os entendimentos desse/a estudante.

Estudante 61: *Não como disciplina obrigatória, pois se formos analisar esse tema também deveria ser obrigatório estudar outras questões, como por exemplo a disciplina de libras. Mas ela poderia ser ofertada como disciplina optativa na grade de todos os cursos.*

É importante destacar que esse dado se configura como relevante para a pesquisa, visto que nossa intenção não é instituir a obrigatoriedade de oferta da disciplina na universidade. Nosso propósito é problematizar os motivos de determinados conhecimentos integrarem os currículos dos cursos de graduação e outros, não; entender por qual razão existe determinada organização curricular e não outra; por que determinada forma de ensinar e não outra. Ainda que questões relativas ao “como” do currículo continuem importantes, elas só adquirem sentido dentro de uma perspectiva que as considere em sua relação com questões que perguntem pelo “por quê” das formas de organização do conhecimento escolar.

Nesse sentido, o currículo sanciona socialmente o poder, por meio das maneiras e das condições pelas quais o conhecimento é selecionado, organizado e avaliado nas escolas (POPKEWITZ, 2008). Isso implica em não o considerar como resultado de um processo social necessário de transmissão de valores, conhecimentos e habilidades, em torno dos quais haja um acordo geral, mas significa enxergar o currículo enquanto um processo contínuo de conflitos e

de lutas entre diferentes tradições e diferentes concepções sociais.

Por fim, com base no último foco de discussão que emergiu, a partir da análise das enunciações dos/as estudantes, é possível observar que as problematizações realizadas, durante as aulas, possibilitam que os/as estudantes consigam pensar sobre maneiras de combater o preconceito, a discriminação. Além disso, incentiva-os no sentido de que possam refletir acerca de modos de se obter a promoção do reconhecimento das diversidades e das diferenças – de classe, de raça, etnia, religião, geracional, gênero e sexualidade – no Ensino Superior, tornando-se, assim, multiplicadores/as dos debates tecidos na disciplina.

Estudante 2: *Considero que a cadeira de gênero e sexualidade deveria ser obrigatória para toda universidade, com os atuais casos de intolerância e violência acho que seria fundamental.*

Estudante 4: *Considero importante que alcance a todos os estudantes de graduação com o objetivo de desconstruir toda a forma de preconceito e discriminação que existe em nossa sociedade.*

Estudante 11: *Entendo que essa disciplina é de extrema importância, pois discutir essas temáticas se faz necessário em um país como o Brasil, onde o preconceito é significativo e escancarado.*

Estudante 12: *Sim! Para desconstruir preconceitos e conceitos que foram institucionalizados ao longo dos tempos, para que os acadêmicos possam expandir seus conceitos a respeito do tema e principalmente nos cursos de graduação, para que os profissionais saibam abordar essa temática em sala de aula.*

Nas enunciações anteriores, os sujeitos de nosso estudo chamam a atenção para o combate aos preconceitos, às discriminações e às violências. Nossa sociedade foi sendo construída com base em um pensamento que colocou a figura feminina, principalmente, como sendo submissa. Inclusive, muitas mulheres, por exemplo, não identificam situações de assédio ou de violência, porque, muitas vezes, são questões que estão tão arraigadas na sociedade que se tornam imperceptíveis. Logo, é só por meio do debate que se torna possível visualizar e romper com alguns desses comportamentos naturalizados.

Apesar dos esforços de autoridades, de ativistas, de toda uma rede que trabalha na busca para que todos/as possam gozar desses direitos essenciais e mínimos para uma vida digna, mulheres e sujeitos LGBTI+, frequentemente, ainda têm sua dignidade negada, seja por meio da violência, do preconceito ou da discriminação. O Brasil é um dos países que tem os mais altos índices de violência contra essas populações, as quais resultam, muitas vezes, em assassinatos. De acordo com os dados da 13ª Edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2018, “1.206 mulheres foram vítimas de feminicídio, sendo 61% de mulheres negras e 52,3% dos assassinatos cometidos por arma de fogo. Em 88,8% dos casos, o autor era o companheiro ou o ex-companheiro da vítima” (BRASIL, 2019)

Além disso, o Brasil apresenta altos índices de violência contra LGBTI+, chegando a números significativos de mortes desses sujeitos. O relatório emitido pelo site Homofobia Mata menciona que, em 2018, ocorreu a morte de 420 pessoas LGBTI+ em decorrência de homofobia. Os dados sobre isso são bastante expressivos: “a cada 20 horas um LGBT morre de forma violenta vítima da LGBTfobia, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais” (HOMOFOBIA MATA, 2018, p. 1). Ainda, segundo o site, “[...]matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde há pena de morte contra os LGBT” (HOMOFOBIA MATA, 2018, p. 2).

Esses dados de violência contra mulheres e sujeitos LGBTI+ são uma pequena parcela do que as estatísticas vêm nos mostrando, e essas questões também se articulam às discussões promovidas durante a disciplina de *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*. Nesse sentido, acreditamos ser a universidade uma instituição importante para problematizar essas questões.

No entanto, é importante destacar que temos consciência de que ter uma disciplina como a de *Gêneros e Sexualidades, nos Espaços Educativos*, sendo ofertada na universidade, não significa conseguir a redução das violências, do preconceito e da discriminação. Acreditamos que esse tipo de iniciativa seja uma possibilidade para que os/as estudantes consigam

repensar sobre essas questões, buscando, assim, maneiras para minimizar essas diferentes formas de violências.

Outra questão, a qual foi mencionada nas enunciações, é com relação à tolerância. Contudo, destacamos que a ideia de tolerância não é trabalhada na disciplina, mas sim o respeito, pois a tolerância “[...] perpetua hierarquias, relações de poder e atualiza técnicas de gestão das fronteiras da normalidade” (JUNQUEIRA, 2014, p. 8). Essas fronteiras são responsáveis por manter vivos os preconceitos, por marginalizar, silenciar e, até mesmo, matar aqueles/as que são considerados fora da norma. No Brasil e no mundo, pessoas morrem, todos os dias, em função de não se enquadrarem no que é entendido para alguns/algumas como “normal” e/ou “natural” em relação aos gêneros, aos corpos ou às sexualidades.

Então, é importante que esse movimento de luta e de resistência, para garantir que as discussões sobre corpos, gêneros e sexualidades continue a ser promovido no âmbito da educação, mais especificamente nas universidades, seja por meio de uma disciplina ou de forma transversal, em articulação com diferentes campos de conhecimento. Dessa maneira, as pessoas podem refletir sobre questões importantes e ajudarem na promoção de uma sociedade com mais respeito e dignidade a todos/as.

Algumas Considerações

Os/as estudantes compreendem a disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, e as discussões nela propostas, como iniciativa importante e que deve estar presente na universidade. Afirmam ser crucial para o combate aos preconceitos, às discriminações e às violências, tanto que ficou evidente, nas análises de alguns/algumas participantes do estudo, a reivindicação da oferta obrigatória da disciplina. Eles/as apontaram, ainda, que as principais questões relacionadas às temáticas trabalhadas, na disciplina, e que são preocupações constantes da nossa sociedade, são os altos índices de violência contra as mulheres e a população LGBTI+. Essas são algumas discussões presentes em nossa sociedade, as quais emergiram em sala de aula e acabaram sendo problematizadas, permeando, assim, de alguma forma, alguns currículos dos cursos de graduação.

Ficou nítida, dessa forma, a importância de pensarmos em currículos do Ensino Superior que questionem práticas pedagógicas que vêm enfatizando uma visão de conhecimento que legitima determinadas produções identitárias em detrimento de outras ou que têm legitimado o discurso científico como aquele que deve integrar o currículo, colocando, assim, as pautas de gêneros, sexualidades e corpos, muitas vezes, às margens do currículo.

O processo de fabricação dos currículos das universidades não é lógico nem neutro, ele tem caráter social e cultural. Convivem, lado a lado, com os currículos, fatores lógicos, epistemológicos e intelectuais, determinantes sociais menos “nobres” e menos “formais”, tais como interesses, rituais, conflitos simbólicos e culturais, necessidades de legitimação e de controle. Nesse sentido, o currículo não é constituído de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos considerados válidos socialmente.

Por esse viés, ele é produzido para ter efeitos (e tem) sobre pessoas. As instituições educacionais processam conhecimentos, contudo também – e em conexão com esses conhecimentos – pessoas. Assim, é importante prestar atenção às formas pelas quais o processamento diferencial do conhecimento está vinculado ao processamento diferencial de pessoas. Diferentes currículos produzem diferentes sujeitos, de forma que não devem ser vistos apenas como representação de interesses sociais determinados, mas também como produtores de identidades e de subjetividades sociais determinadas.

Desse modo, a oferta da disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, no âmbito do Ensino Superior, possibilita a emergência de outros olhares e de outras enunciações, fazendo os/as estudantes repensarem seus entendimentos e desestabilizarem alguns discursos naturalizados em nossa sociedade. Isso, por sua vez, pode contribuir para a existência de outras formas de ser e de estar no mundo.

Nossas discussões não se encerram neste estudo. Esperamos que outros olhares a respeito da oferta de disciplinas que tenham, como temáticas, os gêneros, as sexualidades e os

corpos possam emergir e que sejamos sempre instigadas/os a novos acontecimentos. Ademais, desejamos que essas questões sejam não somente motivo de dúvidas nem, muitas vezes, de disputas. Nossa vontade é que, por intermédio delas, possamos caminhar em direção a uma sociedade em que as “diferentes” vivências, em relação aos corpos, aos gêneros e às sexualidades, sejam respeitadas.

Referências

BARROS, José D` Assunção. Uma “disciplina” – entendendo como funcionam os diversos campos de saber a partir de uma reflexão sobre a história. **Opsis**, Catalão, v. 11, n. 1, p. 252-270, jan.-jun. 2011.

BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em 09 abr. 2020.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 24. ed. São Paulo: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HOMOFOBIA MATA. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil relatório 2018**. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/03/relatorio-2018.pdf>. Acesso em 10 abr. 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Políticas públicas de educação: entre o direito à educação e a ofensiva antigênero. RIBEIRO, Paula Regina Costa *et al.* (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p. 179-210.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Conceito de diversidade. **Revista diversidade e Educação**, v. 2, n. 3, p. 4-11, jan.-jun. 2014.

PARAISO, Marlucy Alves. Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa *et al.* (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p. 7-28.

POPKEWITZ, Thomas S. História do currículo, regulamentação social e poder. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 173-210.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; RIZZA, Juliana Lapa; ÁVILA, Dárcia Amaro. Gênero e Sexualidade no Ensino Superior: reflexões sobre a produção de possíveis heterotopias. In: MAGALHÃES, Jo-analira Corpes Magalhães; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Orgs.). **Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2014. p. 129-142.

RIZZA, Juliana Lapa. **A sexualidade no cenário do ensino superior: um estudo sobre as disciplinas nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras**. 2015. 217 f. Tese, Educação Ambiental – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

RIZZA, Juliana Lapa; RIBEIRO Paula Regina Costa; MOTA, Maria Renata. Disciplinas que discu-

tem sexualidade nos currículos do Ensino Superior brasileiro: produzindo um diagnóstico da situação atual. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 34, p. 197-224, maio-ago. 2016.

SOUZA, Marcos Lopes; FERRARI, Anderson. Inquietações sobre gênero e sexualidade em espaços formativos: o caso do Pibid de Ciências. **Ensino em Re-vista**. v. 26, n. 1, p. 40-59, jan.-abr. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 190-207.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Recebido em 7 de setembro de 2020.
Aprovado em 17 de novembro de 2020.